

Apêndice

- a) A *aposta* de Lucien Goldmann
- b) Memória

“... *Creio que é uma das funções das mais importantes dos pensadores socialistas contemporâneos a de contribuir ... para que ... as conquistas socialistas e humanistas sejam, não somente, um elemento essencial da evolução futura, mas guardem também um caráter durável.*”¹

A aposta de Lucien Goldmann

Este *movimento* na tessitura do nosso exercício, tem o propósito de *difundir* os principais conceitos filosóficos, teóricos e metodológicos com os quais Lucien Goldmann urdiu seu pensamento sobre a importância do conceito de consciência possível na comunicação da informação.

Para fazê-lo no escopo da ciência da informação, usamos a sugestão de Belkin e Robertson sobre uma das formas de expressão, no nosso campo:

“... é provável que a ciência da informação torne-se cada vez mais envolvida com a *re-estruturação* de textos; quer dizer, participando ativamente no processo de comunicação com o objetivo de melhorar o uso do conhecimento [na sociedade]”.²

Nesse sentido, tecemos o presente texto sobre a *aposta* como uma *informação* [um texto e sua estrutura] sobre o pensamento de Goldmann³, preservando o seu estilo literário. Nesse processo, excertos de textos originais⁴ foram reunidos como um novo texto, preservando-se termos e parágrafos

¹ GOLDMANN, L., 1973 p.8. Por se referirem exclusivamente a este Apêndice, as notas têm numeração própria.

² BELKIN, N.J., ROBERTSON, S.E., 1976, p.203

³ Definida por Löwy como “aposta comunitária”. LÖWY, M., 1995

destacados pelo autor (em negrito ou itálico), bem como as notas e referências julgadas relevantes para a adequada compreensão da mensagem.

Esperamos, com nossa *estrutura significativa*, revelar o padrão socialista que une as idéias que Lucien Goldmann produziu sobre a sociedade e as formas mais produtivas para abordá-la como objeto de estudo. E contribuir para uma reflexão sobre qual seria o papel dos cientistas da informação no campo científico, a partir de uma *aposta* pessoal como a que Goldmann resgata na dialética, de Pascal a Lukács.

Sem mais delongas, vamos ao *texto e sua estrutura*.

“No plano dos julgamentos de valor, o humanismo materialista e dialético retomou em grande parte os valores desenvolvidos pela burguesia do Iluminismo, progressista e individualista, a *liberdade* e a *felicidade* e ... colocou seriamente, e de modo radical apenas o problema de sua *realização*. Isso o leva, de um lado, a desembaraçá-los do caráter excessivamente ético e racional que lhes havia concedido o pensamento do Iluminismo e, por outro lado, a acrescentar-lhes como fundamento e condição indispensável para sua realização um terceiro valor que implica nos outros dois: a *comunidade*. Devemos precisar que, assim, o humanismo materialista e dialético acrescentou, na perspectiva individual, aos planos da *razão* e da *experiência* nas quais o pensamento ... do Iluminismo situava exclusivamente seus valores, o valor — simultaneamente religioso e imanente — da *esperança* e da *fé* que pressupõe a *ação histórica*. Além disso, pôs no centro de seu sistema como uma de suas principais categorias — ao mesmo tempo teórica e prática, inseparável da idéia de realização — o conceito de *possibilidade objetiva*.

O humanismo materialista e dialético afirma assim como valor supremo a *realização* histórica de uma *comunidade* humana autêntica *que só pode existir entre homens inteiramente livres*, comunidade que pressupõe a supressão de todos os entraves sociais, jurídicos e econômicos à liberdade individual, a supressão das classes sociais e da exploração.⁵

O materialismo dialético é, em *primeiro lugar*, uma atitude prática diante da vida. É a ideologia de uma classe que quer *transformar* o mundo para realizar

⁴ Devidamente identificados ao longo do texto.

⁵ GOLDMANN, L., 1979 (b), p.32 e 33. O texto data de 1947.

esse máximo de *comunidade* e de *liberdade* humana que será, um dia, a sociedade socialista.

Isso desempenha, no pensamento de Marx, função análoga à do bem supremo e ao reino de Deus nos outros sistemas filosóficos. ...⁶

[Pois] o proletariado é, *através dos tempos*, a primeira classe que tende para um conhecimento verdadeiro e sem reservas tanto do mundo físico como do mundo social. É por isso que ele tem uma atitude positiva diante de todo resultado científico que aumenta nosso conhecimento da realidade e uma atitude absolutamente negativa em relação a todas as ideologias que negam no todo ou em parte o valor ou a importância da ciência.⁷

Dito isto, talvez possamos compreender melhor a posição materialista. As novas concepções do mundo não aparecem subitamente por uma intuição de gênio. São necessárias transformações lentas e graduais na antiga mentalidade para permitir à nova constituir-se e superá-la. Semelhantes transformações não podem jamais ser obra de um só homem, pois as dificuldades afetivas, lógicas e materiais que ele deveria superar ultrapassam em muito as forças de um indivíduo isolado. ... é necessário haver uma *corrente social* e o filósofo nada mais é que o primeiro homem a exprimir de modo mais ou menos *conseqüente* essa nova concepção do mundo em face dos problemas fundamentais que se apresentam aos homens dessa sociedade, *o primeiro a constituir a nova visão do mundo em totalidade no plano do pensamento conceitual*.⁸

A filosofia e a arte, como disse Lukács ... constituem "formas", ou seja, expressões de certas concepções do mundo, de certas maneiras de sentir o homem e o universo e seu valor não reside *apenas* no elemento de verdade que encerram, mas também na *conseqüência* com que elas exprimem essa concepção.⁹

Toda sociologia do espírito admite a influência da vida social sobre a criação literária. Para o materialismo dialético, este é um postulado fundamental. É

⁶ GOLDMANN, L., *idem*, p.37

⁷ GOLDMANN, L., *idem*, p.41-42

⁸ GOLDMANN, L., *idem*, p.53. Nota do autor: "Poderiam acusar-nos — erradamente — de abandonar o marxismo colocando a filosofia no plano do pensamento conceitual. ... Seria realmente compreender muito mal o pensamento de Marx. Exigir a unidade do pensamento e da ação não quer absolutamente dizer que se nega o pensamento como tal, nem que se está pronto a abrandar seu rigor. É em nome mesmo desse rigor que Marx exige a unidade entre o pensamento e a ação."

⁹ GOLDMANN, L., *idem*, p.56

necessário ainda acrescentar que ele insiste particularmente sobre a importância dos fatores econômicos e das relações entre as classes sociais.¹⁰

Para o materialismo histórico, o elemento essencial no estudo da criação literária reside no fato de que a literatura e a filosofia são, em planos diferentes, *expressões de uma visão do mundo e que as visões do mundo não são fatos individuais, mas sim fatos sociais.*

Uma visão do mundo é um ponto de vista *coerente e unitário* sobre o conjunto da realidade. [Entretanto,] o pensamento dos indivíduos ... é raramente coerente e unitário. Submetido a uma infinidade de influências, sofrendo a ação não somente dos mais diversos meios como também da constituição fisiológica no mais amplo sentido, o pensamento e o modo de sentir dos indivíduos se aproximam sempre mais ou menos de uma certa coerência, mas não a atingem senão excepcionalmente. ...

[A visão do mundo] é o sistema de pensamento que, em certas condições, se impõe a um grupo de homens que se encontram em situações econômicas e sociais análogas, isto é, a certas classes sociais.

Os filósofos e o escritor pensam ou sentem esta visão até suas últimas consequências e a expressam, através da linguagem, no plano conceitual ou sensível.

Ora, para isso, é necessário que ela exista ou que, pelo menos, esteja em curso de nascimento; mas o meio social onde se desenvolve, a classe social que exprime, não são necessariamente aqueles nos quais o escritor ou filósofo passaram sua juventude ou uma parte considerável de sua vida.

A influência do meio imediato também pode ser contraditada, e mesmo superada, pela de ideologias afastadas no tempo e no espaço.

A biografia pode ter uma grande importância e o [pesquisador] deve sempre examiná-la ... Mas ... jamais deve esquecer que ... ela não é senão um fator parcial e secundário, sendo essencial a relação entre a obra e as visões do mundo que correspondem a certas classes sociais.

... Pois, no conjunto, uma maneira de pensar e de sentir se encontra sobretudo nos membros dos grupos sociais aos quais ela corresponde ...¹¹

¹⁰ GOLDMANN, L., *idem*, p.71

¹¹ GOLDMANN, L., *idem*, p.73 e 74

... seria difícil, atualmente, duvidar de que exista, no plano individual, não somente uma ação da consciência sobre o comportamento, como ainda uma ação inversa do comportamento sobre a vida intelectual e afetiva ... Do mesmo modo, parece-nos certo que, *no nível do grupo social*, existe sempre uma íntima interpenetração entre o pensamento e a ação que atuam necessariamente um sobre o outro. Toda obra importante, ... possui uma eficácia e exerce uma influência sobre o comportamento dos membros do grupo e, inversamente, a maneira de viver e de agir das diferentes classes sociais em dada época determina, em grande maioria, a sua vida intelectual e artística.¹²

... o escritor de gênio parece-nos ser aquele que consegue realizar a síntese, aquele cuja obra é *ao mesmo tempo* a mais imediata e a mais refletida, dado que *sua sensibilidade coincide com o conjunto do processo e da evolução histórica*, aquele que ... coloca implicitamente os problemas mais gerais de sua época e de sua civilização e para quem, inversamente, todos os *problemas essenciais* de seu tempo não são coisas sabidas, convicções, mas realidades que se exprimem de uma maneira imediata e viva em seus sentimentos e em suas intuições.¹³

[Nesse sentido é que se pode dizer que somos] anões ao lado dos gigantes do passado; mas quando um anão sobe aos ombros de um gigante ele pode enxergar mais longe do que este.

Conhece-se, com efeito, a longa discussão em torno dos problemas do papel *ativo* da consciência, ou, ao contrário, de seu caráter de simples *reflexo*.¹⁴

Onde fica [então] a teoria da consciência reflexo ? [A nosso ver, ela] exprime não um tipo *universalmente válido* das relações entre a infra e a superestrutura [no modelo de Marx], mas um tipo particular dessas relações, próprio à sociedade capitalista clássica.¹⁵

Nesta, a consciência tende, com efeito, a tornar-se um simples reflexo, a perder toda função ativa, na proporção em que o processo da *reificação*, consequência inevitável de uma economia mercantil, se estende e penetra no âmago de todos os setores não econômicos do pensamento e da afetividade.

¹² GOLDMANN, L., *idem*, p.79

¹³ GOLDMANN, L., *idem*, p.87

¹⁴ GOLDMANN, L., *idem*, p.109. Texto datado de 1958.

¹⁵ GOLDMANN, L., *idem*, p.111. Nota do autor: “Empregamos ... a expressão sociedade capitalista clássica para designar, ao mesmo tempo, o capitalismo liberal e o capitalismo monopolista e imperialista de *fraca intervenção econômica do Estado*”. Termos em itálico, no original.

Em princípio, a religião, a moral, a arte, a literatura, não são nem realidades autônomas, independentes da vida econômica, nem meros reflexos desta. *No mundo capitalista*, porém, elas tendem a sê-lo, na medida em que sua autenticidade se encontra *esvaziada por dentro*, graças ao aparecimento de um conjunto econômico *autônomo* que tende a apoderar-se de modo exclusivo de todas as manifestações da vida humana. ...¹⁶

Para descrever [o processo de reificação] é necessário ... partir da economia e notadamente do estudo da economia mercantil. O que caracteriza esta em relação às outras formas de produção é o que se poderia chamar de *sua universalidade e sua anarquia*.

... todas as formas de organização da produção que precederam a economia mercantil em geral ... eram caracterizadas pela existência de unidades de produção e de consumo no interior das quais a organização da produção dos bens e sua distribuição se faziam segundo um esquema ... sempre cristalino e facilmente compreensível.

Em todas essas formas de organização havia sempre uma regra tradicional ... que conferia a certos indivíduos ou ... grupos de indivíduos o direito de decidir ... quanto aos bens a produzir, a repartição eventual do trabalho dentro do grupo e a distribuição posterior dos produtos. Por isso é que todas essas formas de organização social supunham não apenas uma limitação das unidades econômicas ... mas também uma transparência bem grande do caráter *humano e social* da organização da produção.

Essas duas coisas, no entanto, desaparecem com a extensão da economia mercantil. ... Há ... na produção para o mercado, desde suas formas mais simples, uma possibilidade *virtual* de superar as limitações particulares: nacionais, religiosas, sociais etc ... e de ampliar-se indefinidamente. ... Só existem para o comerciante como tal e para o produtor ... seres que têm a mesma qualidade *abstrata* de homem, ou seja, de comprador e de vendedor possíveis, fazendo abstração de qualquer outra particularidade social. Reside aí, aliás, entre outros, o fundamento histórico da ideologia moderna dos direitos do homem, da igualdade, da legalidade, da justiça universal etc.¹⁷

[Por outro lado,] numa produção mercantil, o que substitui a função do organismo planificador é exatamente o mercado e, dentro deste, a troca das mercadorias numa certa proporção, troca que na sua forma imediata se chama

¹⁶ GOLDMANN, L., *idem*, p.111 e 112

¹⁷ GOLDMANN, L., *idem*, p.112 e 113

preço, e que na forma pura, abstração feita de todo desequilíbrio entre a oferta e a procura e de toda variação destas, é chamada por Marx de *valor de troca*.¹⁸

Em grande número de textos, Marx insiste sobre o fato de que, numa economia mercantil, o que caracteriza o valor de troca é que ele transforma a relação entre o trabalho necessário à produção de um bem e esse bem mesmo em *qualidade objetiva do objeto*; é o próprio processo da reificação.¹⁹

Por motivos sociológicos, nenhum sistema econômico pré-capitalista permite que se compreenda a idéia de trabalho abstrato e, portanto, a do custo social dos produtos.²⁰ ...

... quando os bens se tornam mercadorias, ... se desdobram bruscamente e apresentam dois atributos diferentes, *aparentemente* independentes um do outro: um *valor de uso*, que interessa apenas ao último consumidor quando a mercadoria deixa o mercado, e um *valor de troca*, apenas por sua *quantidade*. É esse *valor de troca* comum a todas as mercadorias que permite sua comparação e sua troca no mercado.

Do mesmo modo, o trabalho necessário à sua produção se divide ... em dois elementos diferentes, ... um ... *trabalho concreto* (... enquanto cria valores de uso) e [um] *trabalho abstrato* (força muscular, energia dispendida, etc), qualitativamente idêntico em todos os trabalhadores produtivos, diferindo somente pela *quantidade* e criando valores de troca.²¹ ...

É assim que a produção para o mercado (e sua forma desenvolvida, a produção capitalista) não apenas contém em si a *possibilidade* de uma economia universal, mas também representa um *fator ativo de dissolução* de todas as antigas economias naturais ...

Examinemos [agora], um pouco mais de perto o aspecto psicológico da vida econômica, numa economia em que a enorme maioria dos bens ... é produzida

¹⁸ GOLDMANN, L., *idem*, p.113 e 114

¹⁹ GOLDMANN, L., *idem*, p.114. Sobre a aplicação da teoria do valor de Marx aos problemas da informação, ver: DANTAS, M., 1994

²⁰ GOLDMANN, L., *idem*, p.115. Nota do autor, citando Marx, em *O Capital*: "... O segredo da expressão do valor ... só pode ser decifrado quando a idéia da igualdade humana já adquiriu a tenacidade de um preconceito popular. Mas isso só passa a acontecer numa sociedade em que a forma mercadoria tornou-se a forma geral dos produtos do trabalho, em que, por conseguinte, a relação dos homens entre si como produtores e permutadores de mercadorias é a relação social dominante. ...".

²¹ GOLDMANN, L., *idem*, p.116

para o mercado e em que o preço substitui qualquer outro organismo planificador.²²

[Como vimos,] o desenvolvimento da *produção para o mercado* introduziu uma modificação radical [na] estrutura comum às diferentes ordens sociais não capitalistas. Ao lado do *valor de uso* e em grande escala no lugar deste, criou-se e desenvolveu-se o valor econômico, o *valor de troca*. ...²³

[Nesse contexto, tal] como o valor de uso, a solidariedade consciente e deliberada entre os homens é relegada ao domínio "privado" das relações de família ou de amizade; nas relações inter-humanas gerais e notadamente nas econômicas, pelo contrário, a função de uma e outra tornou-se *implícita* [em um mundo abstrato e puramente quantitativo de "valores de troca"].²⁴

Ressaltemos a importância capital desses dois fenômenos para a estrutura psíquica dos homens que vivem no mundo capitalista. Desde logo eles devem necessariamente levar à ruptura das relações imediatas entre os homens e a natureza. ... Todo elemento qualitativo é eliminado radicalmente. Os resultados dessa transformação não foram, aliás, única e exclusivamente negativos ... [Porém,] o desenvolvimento da produção capitalista baseada no fator puramente quantitativo do valor de troca, fechou progressivamente a compreensão dos homens aos elementos qualitativos e sensíveis do mundo natural. A sensibilidade a esses elementos tornou-se cada vez mais um privilégio "dos poetas, das crianças e das mulheres", isto é, dos indivíduos à *margem da vida econômica*.

[Assim, temos que] uma das características fundamentais da sociedade capitalista é a de mascarar as relações sociais entre os homens e as realidades espirituais e psíquicas, dando-lhes o aspecto de atributos naturais das coisas ou de leis naturais.²⁵ É por isso que as relações de troca entre os diferentes membros da sociedade — transparentes e claros em todas as demais formas de organização social — tomam ... a forma de um atributo de coisas mortas: o preço.

[Este é] o fenômeno social fundamental da sociedade capitalista: a transformação das relações humanas *qualitativas* em *atributo quantitativo das coisas inertes*, a manifestação do trabalho social necessário empregado para

²² GOLDMANN, L., *idem*, p.117

²³ GOLDMANN, L., *idem*, p.119

²⁴ GOLDMANN, L., *idem*, p.120 e 121

²⁵ GOLDMANN, L., *idem*, p.122. Nota do autor: "Daí o nome de *reificação* ...".

produzir certos bens como *valor*, como *qualidade objetiva desses bens*; a reificação ... se estende progressivamente ao conjunto da vida psíquica dos homens, onde ela faz predominar o abstrato e o quantitativo sobre o concreto e o qualitativo.²⁶

Em resumo, a economia mercantil, e em particular a economia capitalista, tende a substituir na consciência dos produtores o valor de uso pelo valor de troca e as relações humanas concretas e significativas por relações abstratas e universais entre vendedores e compradores; tende, assim, a substituir no conjunto da vida humana, o qualitativo pelo quantitativo.

Além disso, separa o produto do produtor e fortalece, por isso mesmo, a autonomia da coisa em relação à ação dos homens e à mutação.

Faz, enfim, da força de trabalho uma *mercadoria* que tem um valor — e isso significa que também aí transforma uma realidade humana em coisa — e aumenta durante um período histórico muito longo o peso do trabalho não-qualificado ... em relação ao trabalho qualificado, substituindo mesmo, no plano da realidade imediata, as diferenças qualitativas por simples diferenças de quantidade.²⁷

Ora, as consequências da *reificação* em todos os terrenos da vida humana não propriamente econômicos são consideráveis.²⁸

[Pois, nesse processo,] o homem se transforma cada vez mais em autômato, sofrendo passivamente a ação de leis sociais que lhe são totalmente exteriores.

Implicitamente sua vida psíquica, sua "pessoa", seu "espírito" perdem todo contato *essencial* com uma matéria que lhe aparece seja como estranha, seja, em última instância, como irreal. ...²⁹

O que nos interessa aqui é a modificação que o processo de reificação acarreta na natureza das relações entre a infra e a superestrutura. No seu conjunto, o fenômeno é geral. O que designamos [como] *reificação* sendo em primeiro lugar o aparecimento na vida social dos *processos econômicos* enquanto *fenômenos autônomos* e, por isso mesmo, *meramente quantitativos*, sua

²⁶ GOLDMANN, L., *idem*, p.122

²⁷ GOLDMANN, L., *idem*, p.125 e 126

²⁸ GOLDMANN, L., *idem*, p.126

²⁹ GOLDMANN, L., *idem*, p.128

primeira consequência é subtrair quase inteiramente esses fenômenos à ação da superestrutura, reforçando, ao contrário, sua ação sobre esta.

Essa tendência geral, contudo, assume em cada terreno particular formas diferentes e ... não podemos deixar de distinguir pelo menos duas estruturas diferentes: os domínios mais estreitamente ligados à vida econômica, o direito e a política, e os mais afastados desta: a vida intelectual, moral, religiosa, etc.³⁰

[A primeira das estruturas, torna-se um simples reflexo da vida econômica³¹].

Quanto ao setor propriamente espiritual da superestrutura — a religião, a moral, a vida intelectual, a literatura, a arte, a filosofia — o mesmo processo se verifica, em grau incomparavelmente mais elevado. Para perceber isto basta mencionar um fato tão característico quanto eloquente. O aparecimento no mundo capitalista de fenômenos econômicos autônomos teve por consequência natural a constituição de uma ciência que estuda esses fenômenos e que é naturalmente, ela também, própria à sociedade capitalista: a Economia Política.

[Por outro lado,] ninguém se espantaria mais, hoje, de encontrar uma análise da vida econômica num estudo sobre a filosofia, a literatura ou a arte.³²

Acabamos de mostrar que a reificação — que consiste essencialmente na substituição do qualitativo pelo quantitativo, do concreto pelo abstrato e que está estreitamente ligada à produção para o mercado, principalmente à produção capitalista — tende, paralelamente ao desenvolvimento dessa produção, a apoderar-se progressivamente de todos os domínios da vida social e a substituir as outras diferentes formas de consciência.

Poderia parecer que estamos em presença de um fenômeno definitivo e inevitável, uma espécie de fatalidade da evolução histórica.

[Será que] não há ... limites além dos quais a reificação não poderia estender-se sem provocar perturbações graves e reações humanas que constituirão o próprio motor de sua superação? Tais fatores existem e constituem exatamente os limites mais importantes, *porque essenciais* à extensão da produção capitalista e sobretudo da reificação. São as *crises e a resistência da classe operária*.

Do ponto de vista de uma análise da economia capitalista que se coloque no interior *desta*, poder-se-ia designar uma e outra ... como os limites a partir dos

³⁰ GOLDMANN, L., *idem*, p.131

³¹ GOLDMANN, L., *idem*, p.131 e 132

³² GOLDMANN, L., *idem*, p.133

quais o valor de uso resiste à sua redução a um estado implícito e a sua substituição pelo valor de troca. ...³³

[Nesse contexto,] a relação entre a consciência operária e a reificação é diferente da de todas as demais camadas da sociedade e constitui um problema teórico de primeira importância.³⁴

O operário, na realidade, só tem uma coisa a vender: *sua força de trabalho* e ... ele não poderia aceitar inteiramente e sem uma resistência real ou virtual sua própria transformação em mercadoria assimilada às demais mercadorias.

[Dessa forma,] mesmo em sua atividade econômica, em seu trabalho, a relação *reificada e antagonista* com o patrão ao qual ele *vende* sua força de trabalho é um grande parte contrabalçada pela *relação humana e não reificada* que ele mantém com seus colegas.

Não há dúvida de que o pensamento reificado, que é uma realidade *social*, age através de mil canais diferentes também sobre o pensamento dos operários e essa influência é considerável. Trata-se, porém, de um fenômeno *sociológico* e não *econômico*, uma influência *exterior* e não uma *reificação espontânea*, pois o operário não poderia tirar nenhuma vantagem da "reificação". ... ele pertence à única categoria social na qual os homens, mesmo para defender seus interesses mais imediatos, devem unir-se em vez de opor-se uns aos outros. A *solidariedade* tem, para a vida social e para o pensamento dos operários, importância tão grande quanto o *egoísmo* e a *concorrência* para os burgueses e para as camadas médias.³⁵

Assim é que por sua posição social, ainda que muito menos culto e dispondo de muito menos conhecimentos do que os intelectuais burgueses, o proletariado, na sociedade capitalista clássica, é o único que pode, numa situação de conjunto, rejeitar a reificação e devolver a todos os problemas espirituais sua verdadeira característica humana; e foi dentro da classe operária, numa época em que sua situação econômica era particularmente má, que nasceu a forma mais elevada do humanismo moderno: o materialismo dialético.³⁶

Acabamos de dizer que numa sociedade capitalista anárquica o proletariado e os teóricos que julgam o mundo de seu ponto de vista — o ponto de vista humano

³³ GOLDMANN, L., *idem*, p.138

³⁴ GOLDMANN, L., *idem*, p.140

³⁵ GOLDMANN, L., *idem*, p.141

³⁶ GOLDMANN, L., *idem*, p.143

contra o mecanicista — estão *virtualmente* mais do que os outros, e talvez com exclusividade, em condições de rejeitar a reificação, devolver a todos os problemas filosóficos, religiosos, morais etc., seu caráter humano e continuar assim o esforço dos grandes pensadores clássicos, a herança espiritual que a burguesia deixou cair de suas mãos.

Ora, isso significa apenas que no mundo capitalista os assalariados *poderiam* ter um nível espiritual mais elevado do que a burguesia e as classes médias, mas não que o tenham realmente. É o problema da consciência de classe e de seu papel na história, magistralmente apresentado por Georg Lukàcs.³⁷

De modo que são as condições concretas, econômicas, sociais e políticas de um país e de uma época, e também os fatores internacionais, que decidem qual dessas duas forças antagônicas — a solidariedade espontânea e a consciência de classe “possível”, ou a reificação que penetra sobretudo através da influência ideológica das outras classes sociais — agirá mais fortemente e predominará na consciência real da classe operária.

... por isso ... toda sociologia ... que pretenda compreender a sociedade atual deve trabalhar com duas categorias fundamentais:

a) *A consciência possível.* O máximo de realidade que poderia conhecer uma classe social sem chocar-se contra os interesses econômicos e sociais ligados a sua existência como classe;

b) *A consciência real.* O que ela conhece, de fato, dessa realidade durante certo período num determinado país. Sem essa distinção, que corresponde à oposição entre “a classe para si” e “a classe em si” em terminologia hegeliana e marxista, a sociologia corre o risco de ficar na superfície e compreender muito pouco a realidade social concreta e viva.³⁸

[Nesse campo,] a análise marxista, e sobretudo lukàcsiana, da reificação ... nos parece em grande medida confirmada pela história do movimento operário.

Sendo o proletariado, na sociedade capitalista, a classe menos atingida pela reificação, ele é também a classe na qual a ideologia liberal tem o caráter mais superficial. A liberdade individual formal, o direito ao erro, a liberdade de expressão etc., não são elementos ideológicos *endógenos* na consciência da

³⁷ GOLDMANN, L., *idem*, p.144

³⁸ GOLDMANN, L., *idem*, p.145 e 146

classe operária, cujo pensamento é constituído ... a partir da idéia de *solidariedade* e não da idéia de *liberdade*.³⁹

[Nesse sentido,] a “aposta” pascaliana me parece ser o instante capital, o ponto nodal, na história do pensamento moderno: a passagem das filosofias individualistas — racionalistas e dogmáticas, ou empíricas e céticas — ao pensamento trágico.

A idéia da “aposta” não tem, evidentemente, nenhum lugar dentro de uma filosofia individualista; ela é, pelo contrário, um elemento essencial das filosofias trágicas e dialéticas. Em sua forma geral, isto é, na medida em que se trata de uma aposta relativa aos valores essenciais da existência humana, ela está definitivamente integrada, inserida na consciência filosófica moderna, na medida em que é a consequência necessária dessa outra verdade fundamental para o pensamento dialético e para o pensamento trágico: que os valores que podem dar um sentido autêntico à vida do homem estão fora dele mesmo como indivíduo. Não são mais os prazeres sensíveis ou ainda as verdades racionais (que o homem podia atingir por si mesmo), mas valores *encarnados* que é preciso realizar no mundo exterior e cuja realização depende dos concursos de uma força superior ao indivíduo, deus para o pensamento trágico e cristão ou a classe operária para o materialismo dialético.

... A aposta é fundamentalmente a expressão do paradoxo do homem e sua condição. Para que o homem viva como homem, ele deve engajar sua vida sem reservas, na esperança de um valor autêntico cujo sinal mais claro é que ela é *realidade*. É o paradoxo fundamental da condição humana: a união dos contrários, a união do espírito e da matéria, da força e do sofrimento, do divino e do humano, porque essa realidade dupla é *encarnação*.⁴⁰ ...

Ora, também nesse ponto, o marxismo continua como herança pascalina. As duas posições se opõem a tudo que é unicamente espírito, como a tudo que é unicamente matéria. As duas definem os valores como realizações e encarnação do espírito humano na realidade material, rejeitam as posições espiritualistas como inautênticas ... e afirmam que só há valor encarnado, ou se encarnando na realidade, que só há realidade virtual ou realmente racional.

Ora, o engajamento numa encarnação futura dos valores, num futuro subordinado ao jogo dos fatores objetivos e múltiplos e que só é realizável com

³⁹ GOLDMANN, L, idem, .151. Nota do autor: “Chamamos de liberdade ... o direito reconhecido a cada indivíduo de exprimir livremente suas idéias e suas crenças, implicando a liberdade *real* também na *possibilidade* material concedida a cada um de fazê-lo”.

⁴⁰ GOLDMANN, L., idem, p.194. Texto datado de 1954.

a ajuda de forças exteriores ao indivíduo, jamais poderia ser certeza absoluta, dogmática, mas sim ação e, por isso mesmo, necessariamente aposta.

A aposta de Pascal refere-se à eternidade e à felicidade infinita prometida por deus aos crentes e não ao futuro histórico que devemos criar com a ajuda dos homens. .. essa idéia de felicidade é reencontrada em outra grande filosofia trágica. ... no centro do postulado kantiano⁴¹ [tanto quanto na] perspectiva futura da sociedade socialista.⁴²

[Em Georg Lukàcs,] reaparece essa idéia de que ser homem significa engajar sem reservas sua existência na afirmação eternamente improvável de uma relação possível entre o dado sensível e o sentido, entre deus e a realidade empírica atrás da qual ele se esconde, relação ... que não se pode demonstrar e na qual, entretanto, é necessário engajar toda sua existência.”⁴³

⁴¹ Ver: GOLDMANN, L., 1967. Em especial, a *Conclusão: Que é o Homem ? Kant e a Filosofia Contemporânea*, p.247

⁴² GOLDMANN, L., 1979 (b), p.195

⁴³ GOLDMANN, L., idem, p.197